Um herói do cerco do Porto

A rua do Marechal Saldanha pertence às freguesias de Nevogilde e Foz do Douro. Esta artéria, que principia na Praça de Liège e termina na de Goa, presta homenagem a João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun, primeiro conde, marquês e duque de Saldanha, marechal do exército português e um dos heróis do cerco do Porto.

Texto: Marta Almeida Carvalho
Fotos: Virgínia Ferreira

João Carlos Saldanha nasceu em 1790 em Lisboa. Era o nono filho do conde de Rio Maior, João Vicente de Saldanha Oliveira e Sousa Juzarte Figueira, e da condessa Maria Amália de Carvalho Daun, filha de Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal. De personalidade arrojada, João Saldanha cedo se tornou um exímio militar e teve um papel preponderante durante o cerco do Porto (1832-1833).

Em 1828 D. Miguel entrou em Portugal, dando um golpe de estado e fazendo-se proclamar rei absoluto. Saldanha, sabendo em Londres da sublevação, supôs que haveria já em Portugal sérios elementos de resistência

às tentativas absolutistas, e fretando o vapor Belfast, partiu para o Porto juntamente com alguns generais. Ao encontrar a cidade bloqueada pelas tropas de D. Miguel, constatou que as circunstâncias eram piores do que supunha. O país permanecia inerte, ou mostrava entusiasmo pela causa miguelista. Em Julho de 1832, depois de quatro anos de guerra civil, o Porto ficou completamente cercado pelas tropas absolutistas, tornando-se num baluarte da resistência liberal (o único reduto exterior era a Serra do Pilar). Após alguns meses de intensos combates entre absolutistas e liberais – que iam repelindo a custo os ataques miguelistas - o Marechal Saldanha voltou à cidade (desembarcou na Foz em Janeiro de 1833) e viria a ter um papel preponderante no desfecho do cerco. A título de curiosidade refira-se que, por sua ordem, as árvores da cidade foram cortadas de forma a suprir a escassez de lenha.

O desfecho do cerco

Na cidade, cercada, proliferavam as epidemias e a instabilidade. De forma a aliviar a pressão miguelista, projectou-se um ataque a Lisboa para desviar as atenções do Porto. Este ataque viria a desencadear-se no Algarve, de onde as tropas

O Marechal Saldanha

liberais marcharam para Lisboa, onde entraram em Julho de 1833. D. Pedro saiu do Porto a caminho da capital e deixou Saldanha encarregue do «descerco», procedendo à «limpeza» da área periférica. Este não queria consentir que forças relativamente diminutas o paralisassem dentro da cidade. A 18 de Agosto, numa empreitada heróica, surpreendeu o inimigo, desalojou-o das suas posições, repeliu-o para Valongo, e completou assim o levantamento do cerco. Num último acto desesperado os miguelistas destruíram um armazém das caves do vinho do Porto, em

Foi nomeado Marechal em 1833

Gaia. Deu-se, assim, o fim do cerco que durou quase um ano. A cidade fez jus, uma vez mais, ao liberalismo que sempre defendeu e daqui ganhou o título de Invicta. Também Saldanha ganhou, por este acto, uma alta condecoração. Em Outubro de 1833, D. Pedro nomeou-o marechal do exército e mandou recolocar no pedestal da estátua de D. José, no Terreiro do Paço, o medalhão do seu glorioso avô, o marquês de Pombal. A guerra civil continuou e só em 26 de Maio de 1834, na Convenção de Évora-Monte, o Marechal Saldanha recebeu a rendição do Marechal José António de Azevedo Lemos, pondo fim ao conflito. Saldanha morreu em 1870, em Londres, com 86 anos, depois de ter exercido vários cargos públicos incluindo o de ministro.